

1 Introdução

cerveja dos corvos o sangue

(Jorge Luis Borges, *Las Kenningar*)

O que chamamos “sangue” é a “cerveja
do jaguar”

(Eduardo Viveiros de Castro, *A
inconstância da alma selvagem*)

Este estudo toma por objeto o ensaio “Las kenningar”, de Jorge Luis Borges, buscando ali ocasião para pensar a linguagem em geral e a metáfora em particular. Propõe-se aqui ler esse texto na contraluz da noção de *perspectivismo*, assim como elaborada pelo antropólogo Eduardo Viveiros de Castro em suas considerações sobre a vida e o pensamento ameríndio.

A ideia para este estudo nasceu com efeito do surpreendente encontro indicado pelas epígrafes acima: impressionou-nos o inesperado mas inegável parentesco entre aspectos relativos às formas de vida – e portanto de linguagem – dos índios e as *kenningar*, recurso da poesia medieval islandesa.

As *kenningar* são normalmente descritas como figuras de linguagem perifrásticas (*cerveja dos corvos*), utilizadas em lugar de nomes comuns (*sangue*). Postas em versos medievais islandeses, constituíam sagas e eddas da mitologia nórdica. Borges se interessou por essas enigmáticas figuras, que podem ser acomodadas sob a noção de metáfora: deteve-se explicitamente sobre elas no livro *Literaturas Germânicas Medievais* e no ensaio “Las kenningar”, mas a presença das *kenningar* nos escritos de Borges não se limita a essas duas obras, já que tais figuras aparecem também constituindo poemas, tematizando conferências.

O interesse do autor argentino pelas *kenningar* produz férteis discussões que problematizam o desafiador entendimento da metáfora. Instiga-nos discutir como as *kenningar* iluminam a compreensão dessa figura, que foi uma verdadeira obsessão borgiana. Veremos que, por meio das *kenningar*, temos ocasião para pensar a metáfora e a linguagem de um ponto de vista que contraria de uma forma invulgar a tendência tradicional de supor que o sentido habita a letra.

Reconhecemos que, principalmente a partir do início do século XX, multiplicam-se os discursos antiessencialistas que estão justamente inclinados a repensar certa expectativa de que nas palavras podemos encontrar sentidos intrínsecos. Muitos são os críticos que podem ser aqui citados, assim como escritores que aproximam os discursos literários aos filosóficos, como Beckett, Kafka, Guimarães Rosa, Lispector, Borges – seus escritos, muitas das vezes, provocam as fronteiras entre literatura e filosofia, entre arte e ciência.

Ainda que essas preocupações, na filosofia da linguagem e em outros saberes, não sejam recentes, consideramo-las relevantes e produtivas por provocarem ainda embaraços que nos levam à perplexidade, à reflexão. Partimos também do pressuposto de que mesmo entre os mais obstinados críticos da visão representacionista da linguagem ainda podemos encontrar vestígios do velho paradigma, impressão que parece reforçada ao entrevermos, por meio de Viveiros de Castro, as promessas de alteridade radical do mundo ameríndio. Para explorar a força de tais promessas e o modo como se insinuam também no ensaio de Borges, será importante aqui, ainda, a noção de *devenir*, assim como formulada por G. Deleuze, filósofo que tem grande e reconhecida influência sobre a abordagem de Viveiros de Castro.

Assim orientada esta dissertação, apresentamos os capítulos que seguem a este.

O capítulo 2 se dedicará a caracterizar nosso objeto de estudo, a apresentar e a discutir as kenningar a partir de Borges. Ficará ali claro que, ao analisar “Las kenningar”, não negligenciamos as peculiaridades borgianas – como a tendência ao apagamento das fronteiras entre gêneros, as ironias, as falsificações. Falaremos sobre a poesia islandesa medieval não como fenômeno histórico em si, mas por meio de Borges. Salientamos também que não procuraremos em seus escritos teorias redutoras, mas que buscaremos dar a ver ali uma *produção de conhecimento* a respeito da linguagem, do sentido, da metáfora. Partiremos de dois paradigmas comumente difundidos para compreender esse tropo: o que considera a metáfora uma figura *fundada* e o que a considera *fundante*, pois objetivamos mostrar o modo singular como essas visões aparecem em Borges.

Um outro interesse, igualmente importante, que será desenvolvido no capítulo 2, e também em toda a dissertação, é o de convocar o conceito deleuzeano de *devenir* para repensar como as kenningar sugerem que o sentido não

está intrínseco nos nomes, mas se desloca por desterritorializações. Daremos especial atenção também a outras obras borgianas que contribuíram para nossas discussões, como o conto “Tlön Uqbar, Orbis Tertius” e, ainda, algumas considerações borgianas sobre a metáfora que instauram impasses e apontam para oscilações produtivas.

O capítulo 3 promoverá o encontro entre as *kenningar* e o perspectivismo ameríndio. Como se disse, vislumbramos afinidades entre certos aspectos da cosmologia ameríndia e as metáforas islandesas, principalmente quanto à predominância da relação em *devoir* e da possibilidade de encontrar, nos dois casos, o privilégio de perspectivas. Antes de entrever tais afinidades, apresentamos mais detidamente algumas noções ontológicas e epistemológicas dos índios, como percebidas por Viveiros de Castro; descrevemos, não sem espanto e reconhecimento de nossas limitações, o *multinaturalismo*, o *xamanismo*, a *inconstância selvagem*. Novamente, aqui, trazemos obras literárias de Borges para compor nossas análises.

O capítulo 4 estará dedicado a desenvolver o encontro que propomos centralmente no capítulo 3, dando especial enfoque à contribuição que as relações de alteridade podem promover. Partimos do pressuposto de que os poetas medievais da Islândia e os índios são *outros* culturais e sociais, que se distanciam radicalmente da priorização do *logos* e da linguagem enquanto um sistema de representação. Entretanto, perguntamos: como é possível chamá-los de “outros”, quanto a esses aspectos, se já não podemos dizer, pós virada linguística, que percepções ocidentais contemporâneas se filiam à tradição de tomar a linguagem como representação? Haveria aqui estranhamente um “nós”? Ou em outro sentido o perspectivismo ameríndio e as *kenningar* revelam o quanto ainda estaríamos presos a certas tradições linguísticas? Essas questões provocam as reflexões deste capítulo.

O capítulo 5 trará as nossas considerações finais, nelas retomaremos as discussões tecidas no decorrer deste estudo e sugeriremos alguns pontos que ficam convocando pesquisas futuras.

Pretendemos com esta dissertação contribuir para os estudos já realizados sobre o crítico, ensaísta, contista, provocador Jorge Luis Borges, assim como, contribuir para os muitos debates a respeito da metáfora que tendem a criticar tendências logocêntricas e representacionistas da linguagem, do sentido.